



Às Margens de Mundos Outros: entre mortos e encantados

On the Margins of Other Worlds: between the dead and the enchanted

Gabriel Rodrigues¹

PPGA-IFCH-UFPa

gabriel1rodrigues2@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0002-5746-2233>

Elisa Gonçalves Rodrigues²

PPGSA-IFCH-UFPa

elisagoncalves00@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-7309-0404>

Apresentação

De onde vem a encantaria? Nas narrativas, como as presentes em “Isso tudo é encantado” (Filho; Carvalho org., 2023), “Lugares-tempos no lago Amanã” (Gomes, 2022), “Etnografia e história das aldeias antigas do rio Kikwo” (Xamen Wai Wai, 2022) e “‘Pedaços de pote’, ‘bonecos de barro’ e ‘encantados’ em Laranjal do Maracá” (Leite, 2014), a paisagem e os lugares não são apenas cenários, mas coautores das narrativas. Portanto, buscamos mostrar neste ensaio como as paisagens da Amazônia paraense e de mundos outros no espaço cemiterial da Paraíba são capazes de “provocar” (Xamen Wai Wai, 2022, p. 50) nosso imaginário, elencando paisagens cotidianas que, em dias quaisquer, tornam-se, por si só, encantadas.

Todavia, não esquecemos de nosso tema principal. O extraordinário, especialmente na Amazônia, está, muito frequentemente, associado à presença vivida de outros mundos. Nesta cosmologia, encantamento e morte parecem quase complementares. Afinal, o encantamento é o que acontece quando se assume a possibilidade de fazer a passagem, ainda em vida, para mundos outros, ou, como diria o contador de histórias: “As pessoas não morrem, ficam encantadas” (Guimarães Rosa, 1967).

¹ Mestre em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia (UFPa). Graduação em Antropologia com Habilitação em Arqueologia (UFMG).

² Doutoranda e Mestra em Sociologia e Antropologia pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPa). Graduada em Ciências Sociais (UFPa). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte, dos Mortos e do Morrer (GEAM).

Nas necrópoles, ou mesmo na cidade, os mortos configuram-se como parte das alteridades outras-que-humanas que participam ativamente da produção de mundos imaginários, rituais e afetivos (Rodrigues, 2022). Esses seres interagem relacionalmente (Despret, 2013). Vivos, mortos e outros-que-humanos coabitam socialmente situados e permeados de experiência e, ainda, da imaginação criadora de suas formas e existências. Na cidade cemiterial (Rodrigues, 2023), a morte e os mortos aparecem, assim, como parte de um processo social prolongado, no qual as inter-relações reorganizam a vida coletiva e seus estados de liminaridade (Turner, 1974), borrando e emaranhando (Ingold, 2012) as fronteiras entre mundos.

Nessa perspectiva, este ensaio visual apresenta fragmentos de paisagens da Amazônia paraense (PA) e de João Pessoa (PB). Estas paisagens, cotidianas para seus viventes e praticantes, mas também fantásticas, ordinárias e extraordinárias, são sensivelmente atravessadas por temporalidades individuais e coletivas que se acumulam no espaço e participam da tessitura de mundos outros — mundos esses que não se opõem à vida social, mas a expandem, reinscrevendo essas alteridades enquanto potência narrativa, afetiva e relacional.



1. Há mais presenças entre rio e mata do que sonha a nossa vã filosofia.

Ilha do Combú vista da orla da UFPA. Autor: Gabriel Rodrigues/2023.

Para todos verem: embaixo, em azul-celeste, corre o Rio Guamá; no meio da imagem se desdobra uma extensa faixa de mata verde-escura, cortada por uma névoa esbranquiçada; acima o céu em degradê, avermelhado próximo à terra, anuncia o pôr-do-sol, todavia, acima permanece azul, como o rio.



2. Cotidiano.

Arquipélago do Marajó (PA). Autor: Gabriel Rodrigues/2023.

Para todos verem: embaixo o rio (ou furo) de água bastante escura, forma reflexos, distorcidos pelas ondas, da mata e do céu; mais acima uma ‘rabeta’ acinzentada corta a paisagem, deixando um rastro no caminho; no centro da imagem se vê um complexo de construções, à esquerda uma casa ocultada pela folhagem, à frente dela um trapiche; um pouco mais à direita, um longo trapiche liga a casa ao que parece ser uma casa de farinha, à direita desta um ‘pô-pô-pô’ encalhado. Acima se vê um céu da manhã, sem nuvens; formando um degradê do branco ao azul-celeste.



3. Encantaria.

Auto do Círio – Belém (PA). Autor: Gabriel Rodrigues/2023.

Para todos verem: em uma rua, à noite, com iluminação irregular e um fundo de muro grafitado, se vê diversas pessoas fantasiadas, todavia, duas figuras são o foco da imagem. À esquerda, uma figura feminina olha diretamente para a câmera, veste roupa verde de folhas, decorada com flores multicoloridas; ostenta uma pintura indígena no rosto, uma faixa vermelha sobre os olhos e uma coroa e colar de flores rosa. À direita, de costas para a câmera, se vê uma figura masculina. Traja uma bermuda vermelha e no torço, uma densa folhagem escorre de seus ombros como trepadeiras; possui duas ombreiras de folhas, decoradas com flores vermelhas, que se erguem para acima da cabeça; na mão esquerda leva um cajado; porém, se destaca pelo cabelo liso espetado e artificialmente iluminado, colorido de roxo, laranja e vermelho, aludindo ao cabelo em chamas do curupira (as flores e folhas descritas são, aparentemente, todas de plástico).



4. Um Rio no Céu.

Orla da UFPA – Belém (PA). Autor: Gabriel Rodrigues/2023.

Para todos verem: uma tarde nublada; embaixo vemos a rua e a calçada com grama-baixa de frente para a orla da UFPA; o rio Guamá corta a foto na horizontal, assim como a mata da ilha do Combú. Logo acima da mata, perpendicular ao rio, e vertical na imagem, uma nuvem escura vem se formando a semelhança de um funil, ou de uma corredeira do rio; que vai crescendo até tomar toda porção superior da imagem.



5. Sob pontes de Arco-Íris.

Cachoeira do Arari – Ilha do Marajó (PA). Autor: Gabriel Rodrigues/2025.

Para todos verem: de cima para baixo, o céu azul, de um dia ensolarado, contrasta com as nuvens brancas; do meio delas, centralizada na imagem, sai um arco-íris, que desaparece em meio a mata e curva do rio; a mata de um verde intenso é densa e chega a tocar o rio, não há margens ou visão de terra descoberta por folhagem; o rio marrom exhibe reflexos da mata e do arco-íris no céu. Por fim, no primeiro plano se vê a ponta de uma rabeta, cheia de salva-vidas e a figura de um senhor de idade (o Sr. Espirro, condutor da embarcação), moreno, magro, com um chapéu camuflado, camiseta vermelha e mochila preta.



6. Vida e morte – Humanos, não-humanos e mais-que-humanos no Cemitério Senhor da Boa Sentença.

Cemitério Senhor da Boa Sentença – João Pessoa (PB). Autora: Elisa Rodrigues/2025.

Para todos verem: num dia iluminado; no plano de fundo da imagem se vê túmulos de um cemitério, em sua maioria acinzentadas, mas uma delas, mais à esquerda, azul e branca. No segundo plano, à direita, há dois homens negros sentados, em pisos elevados que contornam um conjunto de duas túmulos de mármore, com flores brancas sobre elas; o homem mais a esquerda está usando camisa e calças cinzas, com uma logo indica que talvez indique um uniforme, e utiliza um boné azul, com detalhes em branco; o homem à direita, no recorte da imagem, utiliza uma bermuda cinzento-azulada, camisa listrada laranja, cinza e branca e um boné, também, laranja. No primeiro plano à esquerda há um balde cinza, onde está apoiado um cabo azul; no centro se vê banco branco, onde está sentado, em posição de descanso, um homem negro, de calças e camisa polo cinzas, trajando um chapéu cinza, um chinelo preto, uma caneta azul e algum outro equipamento no bolso da camisa. Ele olha para a direita; onde está aninhando, ainda no banco branco, um gatinho branco com manchas rajadas de bege acinzentado.



7. Brincadeira de criança.

Cemitério Senhor da Boa Sentença – João Pessoa (PB). Autora: Elisa Rodrigues/2025.

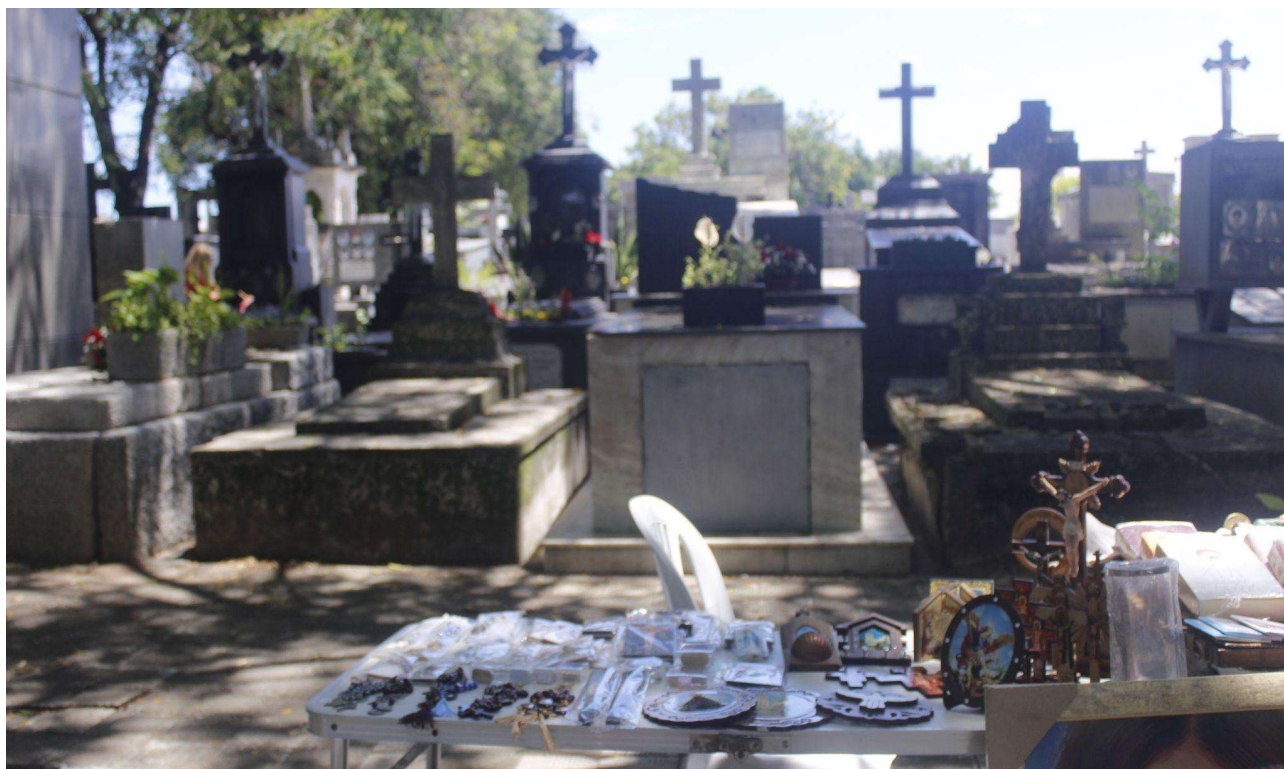
Para todos verem: a imagem mostra um cemitério urbano durante o dia ensolarado, com túmulos e mausoléus de pedra distribuídos ao longo de caminhos internos. As sepulturas apresentam diferentes tamanhos e estilos, muitas com cruzes cristãs no topo e grades metálicas ao redor. Árvores grandes cercam o espaço, com copas amplas que filtram a luz do sol e projetam sombras sobre os túmulos e o chão. Em primeiro plano e ao centro da imagem, há um grupo de pessoas reunidas em frente a um túmulo cercado por grades. Entre elas, veem-se adultos e crianças. Algumas crianças estão sentadas no chão ou em muretas baixas, enquanto outras permanecem de pé, próximas umas das outras, brincando por entre os túmulos. O ambiente sugere uma visita coletiva ou comunitária, em que o cemitério aparece como espaço de convivência, sociabilidades e circulação de pessoas.



8. Rogar por seu morto.

Cemitério Senhor da Boa Sentença – João Pessoa (PB). Autora: Elisa Rodrigues/2025.

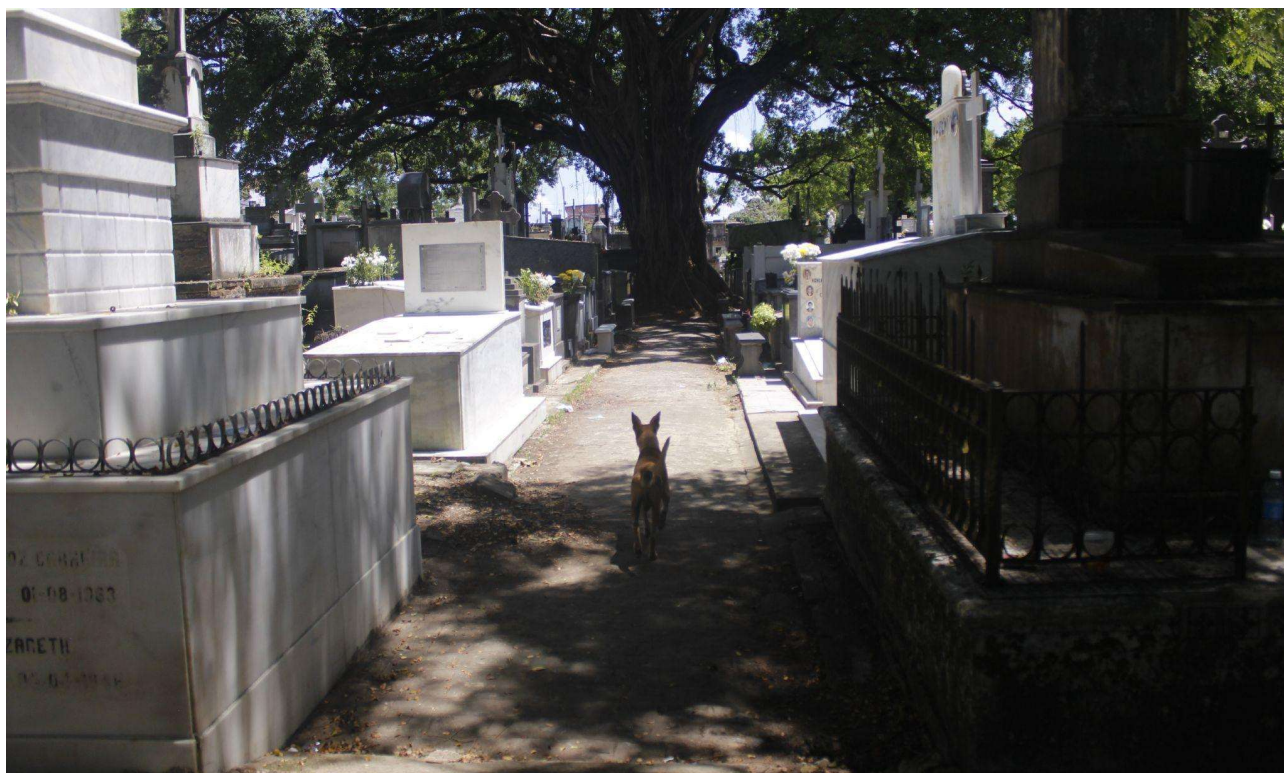
Para todos verem: a imagem mostra um cemitério urbano durante o dia, com túmulos e mausoléus de pedra dispostos em corredores estreitos. Grandes árvores cobrem o espaço, filtrando a luz e criando áreas de sombra. Muitas sepulturas possuem cruzes e placas de identificação. Em primeiro plano, uma pessoa está sentada em um banco de pedra diante de um túmulo. Ela veste roupas escuras e mantém uma postura de recolhimento. Flores e objetos de devoção estão colocados junto à sepultura. Há vasos com plantas ao redor do túmulo visitado. A cena expressa silêncio, memória e práticas de cuidado com os mortos.



9. Religiosidades interagentes.

Cemitério Senhor da Boa Sentença – João Pessoa (PB). Autora: Elisa Rodrigues/2025.

Para todos verem: a imagem mostra um cemitério ao ar livre, iluminado pela luz do dia, com túmulos e mausoléus de pedra dispostos em fileiras. Muitas sepulturas têm cruzeiros no topo e apresentam sinais de envelhecimento e desgaste. Árvores ao redor projetam sombras sobre o chão e os túmulos. Em primeiro plano, há uma mesa branca de plástico posicionada diante das sepulturas. Sobre a mesa, encontram-se diversos objetos religiosos, como crucifixos, imagens de santos, terços e medalhas. Os objetos estão organizados de forma densa, sugerindo venda ou oferta devocional. A cena combina o espaço funerário com práticas vivas de religiosidade e memória.



9. Humanimalidade na cidade cemiterial.

Cemitério Senhor da Boa Sentença – João Pessoa (PB). Autora: Elisa Rodrigues/2025.

Para todos verem: foto em dia ensolarado; uma passagem em meio a túmulos brancos leva a uma frondosa árvore, que está no centro da imagem. Sombras escuras se formam abaixo dela e nos túmulos a direita, apontando a presença de outras árvores que não estão na imagem; no centro da passagem um cachorro caramelo, aparentemente, abanando o rabo, segue em direção a frondosa árvore.

REFERÊNCIAS

DESPRET, Vinciane. From secret agents to interagency. **History and Theory**, Middletown, v. 52, dez. 2013.

FILHO, F.; CARVALHO, L. (orgs.). **Isso tudo é encantado**: histórias, memórias e conhecimento dos povos amazônicos (p. 178). Petrópolis: Vozes, 2023.

GOMES, J. **Lugares-tempos no lago Amanã**: paisagens arqueológicas e habitabilidades ribeirinhas (p. 322). 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50246>.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012.

LEITE, L. F. S. C. **“Pedacos de pote”, “bonecos de barro” e “encantados” em Laranjal do Maracá, Mazagão - Amapá: perspectivas para uma arqueologia pública na Amazônia** (p. 150). 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. Disponível em: [https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/LucioCostaLeite%20\(Dissertacao_de_Mestrado\)%20revisada.PDF](https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/LucioCostaLeite%20(Dissertacao_de_Mestrado)%20revisada.PDF).

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. **Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no Cemitério Santa Izabel em Belém-PA: etnografia urbana e das emoções numa cidade cemiterial**. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. Cortejo visagento: imaginário e memória do bairro do Guamá e da capital belenense (PA). **Pós – Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2022.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

XAMEN WAI WAI, J. **Etnografia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil** (p. 147). 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/60230>.

Agradecimentos

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM). Aos mundos outros registrados neste ensaio.

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Recebido em 10 de setembro de 2025

Aceito em 08 de janeiro de 2026